

O que pensam os índios?

Enviado por Rodolfo Salm
07-Jul-2008/n

Certamente haverá sempre o grupo a favor e o grupo contra. De todo modo, sempre haverá os índios "conservacionistas", sinceramente preocupados com a natureza. Rodolfo Salm.

Depois da entrevista sobre as conseqüências dos projetos hidrelétricos no rio Xingu, concedida pelo professor da Unicamp Oswaldo Sevá Filho, nesta semana o Correio da Cidadania divulgou o artigo "A hidrelétrica amaldiçoada". O texto de Lúcio Flávio Pinto reconstituiu o polêmico ataque dos Kayapó ao engenheiro da Eletrobrás Paulo Fernando Rezende no último protesto de Altamira e oferece uma abordagem complexa sobre o tema.

O artigo foi publicado originalmente no Jornal Pessoal, escrito, editado e distribuído nas bancas de Belém há mais de 15 anos pelo próprio Lúcio Flávio. Nascido em Santarém, no Pará, e jornalista atuante desde 1966, já recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais por seu trabalho no combate aos problemas da região, o que lhe rendeu também vários inimigos dentre os poderosos destas bandas, entre eles destacados membros da família Maiorana, que edita "O Liberal", o maior jornal de Belém.

No texto, Lúcio Flávio considera que o gesto da índia Tuíra de esfregar seu facão no rosto de Muniz Lopes, o representante da Eletronorte, no primeiro encontro de Altamira em 1989, para demonstrar a rejeição dos Kayapó à construção de hidrelétricas no Xingu abalou o projeto a tal ponto que causou seu adiamento por pelo menos vinte anos. O jornalista se pergunta se a nova investida dos índios prejudicará a continuidade do projeto ou se, ao contrário, ajudará o governo a finalmente colocá-lo em prática. E observa que o incremento da agressividade, do susto de Muniz Lopes em 1989 ao corte no braço de Paulo Rezende no mês passado, indicaria que "agora a paciência dos índios do Xingu se esgotou e eles simplesmente não querem mais usina alguma no rio", estando dispostos a "morrer, se preciso for, até o último deles, mas não permitir a execução da obra". Entretanto, segundo ele, "os índios, na avaliação interna que fizeram, no dia seguinte ao incidente, ainda em Altamira, admitiram que se excederam e cometeram um erro grave". "Pareciam conscientes que, a partir de agora, terão que recuperar o apoio da opinião pública, que condenou seu ato, para poderem sustentar o veto à hidrelétrica".

Lúcio Flávio citou ainda a manifestação do cacique Bepe Kamró (Jair) Kayapó, da aldeia Topkrô, que desaprovou a agressão dos guerreiros e colocou-se a favor da usina, como evidência de que começaram a surgir fissuras "num movimento (dos índios contra as hidrelétricas do Xingu) até então aparentemente monolítico".

Confesso que, como ativista contrário à construção das hidrelétricas, fiquei preocupado quanto às possíveis "fissuras". Minha confusão só aumentou quando, mais ou menos por estes dias, encontrei-me com um Kayapó amigo meu (Karuru é seu nome), da aldeia Aukre, que veio a Belém acompanhar a esposa dele em um tratamento de saúde. Quando lhe perguntei sobre a reação dos índios ao ocorrido em Altamira, disse-me que os Kayapó "já vão autorizar a obra". "Liberar". "Se o governo quiser, já pode fazer".

"Como assim?", perguntei-lhe, intrigado pelo contraste destas declarações com tudo o que vi e ouvi sobre a demonstração, ao que ele me respondeu: "já pagou". Ou seja, que todo o estrago da construção da usina no Xingu já estava pago com o corte no braço do engenheiro da Eletrobrás! Isso já quase rindo comigo do absurdo da situação. Não sei exatamente a opinião dele sobre as hidrelétricas, mas os Kayapó têm o hábito saudável de se divertir com as bobagens do próprio povo.

Os índios evidentemente estão preocupados com a preservação do seu modo de vida. Mas não são ecologistas da forma como nós entendemos o termo e também estão, como nós, interessados nas facilidades da vida moderna e nas novas possibilidades que chegam com o dinheiro. A Eletrobrás e as empreiteiras sabem disso e vão explorar estas contradições ao máximo. Concordo com Lúcio Flávio que a aproximação da empresa se dará através de obras nas aldeias, da implantação de alguns projetos de "desenvolvimento social" e, principalmente, de dinheiro vivo. Dinheiro este, é bom que se destaque, muitas vezes distribuído na forma de suborno para a cooptação de lideranças. O jornalista lembrou, por exemplo, o caso da Vale do Rio Doce que, segundo ele, "atraiu para si os índios Xikrin do Cateté, vizinhos das minas de Carajás e primos dos Kayapó", atração esta obtida "através de aplicações significativas em obras e em dinheiro vivo, além de muitas relações públicas". Para ele, com a "retração dos Kayapó depois da agressão ao engenheiro, o campo está mais favorável a esse tipo de empreitada".

É bom que se diga, no entanto, que os Xikrin do Cateté não foram exatamente "atraídos para si" pela Vale, apesar dos altos salários pagos para índios em troca de nenhum trabalho, que muito mais criaram do que resolveram problemas sociais. Dizem que, até recentemente, pagavam R\$ 500 todos os meses para cada pessoa com mais de dezesseis anos. Tem índio que deixou de fazer roça para gastar o dinheiro com bebida e prostituição nas cidades. Tanto não foram "atraídos para a Vale", que volta e meia ocupam e obstruem as instalações da empresa. Sei ainda do caso de uma mineradora atuante na região, que, precisando do aceite dos índios para a continuidade dos seus trabalhos, organizou um grande churrasco. Antes da festa, os índios deveriam assinar uma "lista" para poder então comer. A lista, não sabiam, já era o documento de aceite.

Apesar dos anos de convivência, os índios freqüentemente conseguem me surpreender. Porque às vezes imagino que eles são uma coisa, para concluir que são justamente o contrário e em seguida mudar novamente de opinião. Um exemplo: os Kayapó jovens freqüentemente falam bem o português, gostam de roupas de marca, usam óculos escuros e escutam música em fones de ouvido. Uma vez, na aldeia, entrei numa casa onde havia um jovem com esta descrição deitado na rede e reparei que havia um sapo no canto da casa.

Perguntado sobre a razão daquele animal estar ali, ele rapidamente desconversou: "Deixa, é parente do meu pai". Quer dizer, diferentemente do pai, o rapaz era moderno demais para se dizer parente do sapo, mas não chegou a dizer algo tão "separatista" como "deixa, meu pai acha que é parente dele".

Voltando às opiniões dissonantes quanto à construção das hidrelétricas, uma coisa é certa: há muito percebi que os Kayapó divergem sobre tudo, seja dos brancos ou entre eles mesmos. Para cada idéia que um grupo tenha, há sempre o grupo contrário. E os debates são intermináveis, até que se perca o interesse, ou que uma liderança (se tiver força para tanto) tome uma decisão final. Com a questão da hidrelétrica, não poderia ser diferente. Certamente haverá sempre o grupo a favor e o grupo contra. Se o movimento dos índios contra a barragem de Belo Monte parecia monolítico, não é que ele tenha começado a se fissurar em decorrência do ataque, como Lucio Flávio interpretou, mas sim que carecia ser observado mais de perto.

De todo modo, sempre haverá os índios "conservacionistas", sinceramente preocupados com a natureza. É com eles que a luta pelo rio Xingu vivo continua.

Rodolfo Salm, PhD em Ciências Ambientais pela Universidade de East Anglia, é pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi.